

O PROCESSO DE TRANSIÇÃO: ENTRE AS MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS VIVÊNCIAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autora: Nádia Priscila de Lima Carvalho
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea - Campus Agreste/UFPE

Orientadora: Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles
Professora Doutora do Núcleo de Formação Docente – Campus Agreste/UFPE

*Universidade Federal de Pernambuco-UFPE
Centro Acadêmico do Agreste- CAA*

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa maior, realizada com crianças do 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental no ano de 2016. Tem como objetivo geral da pesquisa como um todo, apreender, a partir da escuta das crianças, os olhares das mesmas a partir das suas experiências com a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Aqui, de forma específica, nos propomos a conhecer os tempos e espaços destinados as crianças na escola. Os seus dizeres indicaram a percepção da presença forte e marcante de memórias oriundas da Educação infantil e as novas experiências com o ensino fundamental, sobretudo, a partir da tensa relação entre ser criança e ser aluno polarizada pelas mudanças impressas as crianças nessa transição. As memórias evocadas nas falas das crianças são marcadas por elementos relacionados ao brincar, como parques, jogos, brincadeiras livres, bem como o sentimento nostálgico de pertencimento àquela realidade, de modo a considerar a escola anterior, a educação infantil, como referência primeira de escola. As novas experiências com o primeiro ano dos anos iniciais, nas falas das crianças, são marcadas pela rigidez de horários e atividades marcadas pela leitura e escrita e pelo delineamento do tempo baseado na escolarização. Dessa forma é de grande valia, a partir dos dizeres das crianças, quanto as suas experiências nessa fase de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, que a instituição esteja atenta a essa transição e garanta a efetivação do direito à educação, mas, sobretudo, o direito de ser criança e de vivenciar sua infância na escola.

Palavras-chave: Educação Infantil, Ensino fundamental, Infância.

1. Introdução

O presente trabalho é parte de uma pesquisa mais extensa, realizada com crianças no ano de 2016, no intuito de ouvir seus dizeres quanto as suas experiências com a transição da Educação Infantil para o ensino fundamental e mais especificamente, como objetivo desse trabalho, de conhecer os tempos e os espaços destinados as crianças na escola.

A inserção da criança no 1º ano do Ensino Fundamental em geral está permeada pelo sentimento de monitoramento e direcionamento da mesma para o desenvolvimento da leitura e da escrita por meio de uma reformulação escolar metodológica diferenciada que antes na educação infantil não se fazia presente. Importante enfatizar nesse sentido, que a intenção expressa nesse trabalho não é de crítica a aprendizagem da leitura e da escrita. Contrária a essa ideia,

compreendemos a importância de desenvolvimento de habilidades voltadas para tal fim, porém que lado a lado desta, esteja também as necessidades da criança de ter e de vivenciar a infância na escola.

O processo de transição vivido pela criança da pré-escola para o 1º ano do Ensino Fundamental é um assunto que já possui discussões acadêmicas e que muito se faz pensar sobre essa mudança na vida da criança que de um momento a outro deixa de ser criança e passa a ser aluno ao sair da educação infantil. Ao passo que a mudança acontece, a estrutura com a qual a criança está acostumada também sofre modificações.

Para Cardona (2014) criar condições para que a transição para a escola decorra sem sobressaltos é uma preocupação que exige a atenção de todos os adultos que se envolvem na educação da criança. É de grande importância, neste processo, contemplar elementos e delineamento de ações que conduzam a fluência dessa transição com as novas experiências harmonizadas com a etapa anterior de educação infantil.

Atentar para a percepção das crianças e para seu modo de conceber o lugar onde se está é um exercício que pode ser fundamentado na escuta, favorecida pela instituição escolar, das mesmas quanto as suas experiências. A participação da criança nesse contexto passaria de passiva, de mera receptora de comandos, para ativa na compreensão e construção, junto com os demais sujeitos da escola, de outras possibilidades.

Nesse sentido, o debate sobre a educação de crianças se torna cada vez mais preciso, sobretudo, quando se utiliza como ponto de partida e de chegada as percepções das crianças quanto as suas experiências, opiniões e a sua viabilização. A participação das crianças, nesse contexto, é de grande valia no entendimento daquilo que é essencial no trabalho com as mesmas e na ação sensível através do outro e de sua autonomia.

A pesquisa originária desse recorte, como um todo, foi realizada com crianças a partir da escuta dos seus dizeres sobre suas experiências dentro do ambiente escolar. A mesma objetivou Compreender como as crianças enfrentam o processo de transição da pré-escola para o 1º ano de escolarização do ensino fundamental. O fragmento desta pesquisa, abordado como foco deste trabalho, se caracteriza como um dos objetivos específicos, de conhecer os tempos e espaços destinados as crianças na escola.

2. Discussão Teórica

2.1 A infância e o ensino fundamental: dá pré-escola para o 1º ano

A atenção à infância e ao modo como a mesma é vista pela sociedade é uma questão histórica que toma força nos dias atuais, por meio de leis e determinações que consideram a infância como direito de toda criança. A educação das crianças, com o advento da lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, tornou-se motivo de preocupações e estudos sobre as implicações na educação das mesmas sobre sua inserção no ensino fundamental de 9 anos. As crianças, a partir dessa nova lei, são inseridas na escolarização com 6 anos de idade e iniciam a partir daí a sua trajetória escolar.

A presença da criança na escola, sua entrada na instituição de ensino e a mudança de escolaridade precisam ser analisadas quanto àquilo que é específico aos sujeitos a quem a educação está destinada, considerando desse modo a infância e a natureza da criança. O ensino fundamental, principalmente na fase inicial, precisa ter como base os sujeitos e todo seu histórico de direitos e necessidades, colocando a criança como elemento norteador do trabalho na escola. Para Sônia Kramer (2007):

[...] o planejamento e o acompanhamento dos adultos que atuam na educação infantil e no ensino fundamental devem levar em conta a singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural, na educação infantil e no ensino fundamental. Isso significa que as crianças devem ser atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar) e que tanto na educação Infantil quanto no ensino fundamental sejamos capazes de ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não só como alunos (KRAMER, 2007, p. 810-811).

A introdução no ensino fundamental se caracteriza, por vezes, como a escolarização, como seriedade, como atividades variadas e alfabetização das crianças. O que assevera a lógica do aluno e muitas vezes limita a presença certas especificidades vividas pelas crianças e suas infâncias. O que se pode observar é que a instrução acaba sendo mais valorizada e a infância cada vez mais é deixada a margem. Somam-se a isso, a expectativa e exigência das famílias por um ensino cada vez mais conteudista. O objetivo aqui não é criticar a forma como a escola trabalha, mas atentar para o não esquecimento da criança como sujeito que também possui outras necessidades. Segundo Moreno e Paschoal (2009):

Questões como alfabetização precoce, o excesso de conteúdos da primeira série, a cobrança de atitudes e comportamentos mais maduros por parte da criança, espaço não adequado para o trabalho com essa faixa etária, o cerceamento do corpo e a falta de qualificação do professor, dentre outros, podem comprometer qualquer possibilidade de trabalho inovador com os pequenos (MORENO e PASCHOAL, 2009, p.49).

Para Moreno e Paschoal (2009), a ideia não é unificar o conteúdo da Pré-escola e da primeira série, compondo uma nova estrutura curricular, mas elaborar uma proposta adequada a essa faixa

etária de maneira que a infância continue fazendo parte da vida da criança. A continuação da abordagem da infância no 1º ano não quer dizer que os elementos da pré-escola devam ser enfatizados, mas que o brincar, a ludicidade e a construção de um ambiente motivador devam ser aprimorados como forma de afirmação dessa infância no ambiente escolar.

O delineamento das atividades para as crianças nos primeiros anos do ensino fundamental com base na possibilidade do brincar, sobretudo da ludicidade, configura um caminho para o trabalho com as crianças de forma a pôr elementos que são singulares a elas na sua experiência. As aprendizagens da leitura e da escrita, nesse sentido, não estarão postas em segundo plano, mas reformuladas e adaptadas a situações mais significativas e prazerosas.

O critério e o cuidado nesse espaço-tempo reflete a responsabilidade com o sujeito que está presente, que molda, dá significados e faz nascer possibilidades de uso e adequação desse espaço. Gandini (1999) afirma que a consideração pelas necessidades e pelos ritmos das próprias crianças molda o arranjo do espaço e do ambiente físico, enquanto, por sua vez, o tempo de que dispomos permite o uso e o desfrute, no ritmo da criança, desse espaço.

Algumas das necessidades da criança são apontadas e classificadas por Barbosa e Horn (2001) como: as necessidades biológicas, referentes ao repouso, à alimentação, à higiene e a sua faixa etária; as necessidades psicológicas, referentes às diferenças individuais no ritmo de aprendizagem; e as necessidades sociais e históricas referentes à cultura. Estas necessidades apontadas revelam a importância da utilização desse espaço para a criança, partindo do que é específico delas, priorizando seu desenvolvimento e a sua experiência no presente e não as pensando numa ideia de preparação para o futuro.

A transformação do espaço em que a criança está a partir do olhar sensível sobre suas especificidades promove um novo horizonte sobre as práticas ali permeadas. Para Gandini (1999), a fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível, deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível as suas necessidades. O espaço pensado também pela própria criança reflete seu modo de ver e de estar no mundo, sobretudo a partir da criação de possibilidades e na construção de novos olhares. Sobre o uso do espaço, Silva e Bufalo afirmam:

Possibilidades de ver, uma resistência aqui, uma criação ali, o espaço em movimento, a forma escolar sendo revista, combatida, expelida de nossas práticas cotidianas mecanizadas, alienadas, abrindo espaço para uma nova forma de encontrar seu par, o espaço da infância e seus sujeitos indissociados, e nesse processo flui nas inúmeras brechas possíveis de transformar as condições dadas, flui nos espaços e tempos que as crianças ajudam a construir, onde a infância possa

acontecer e simplesmente a criança esta na paisagem, é a paisagem (SILVA; BUFALO, 2011, p, 30).

As autoras resumem essa ideia de construção própria do espaço para a criança quando dizem que a criança não está na paisagem, ela é a paisagem. Esse modo de compreensão do espaço com base nos sujeitos que o frequentam parte de uma visão sensível, pois, ressignifica o olhar e o pensamento e faz questionar sobre a atual situação de algumas instituições que atendem crianças, faz questionar que tipo de olhar estas têm sobre as crianças.

3. Procedimentos Metodológicos

Este trabalho se insere dentro de uma perspectiva que considera a pesquisa com crianças e não sobre crianças. O objeto fundamental da mesma é conceber os dizeres das crianças como elemento fundamental para o entendimento de como elas percebem a mudança de escolaridade. Para isso, a metodologia utilizada é do tipo qualitativa e possui enfoque interpretativo no processo de compreensão dos sentidos que existem entre as crianças sobre a o contexto escolar.

O seu sentido qualitativo, segundo Pereira e Cunha (2007), é suporte para o estudo com crianças em virtude da premissa presente nos estudos da subjetividade de que os sujeitos são a referência fundamental, assim como as diferentes formas de organização social e cultural onde se inserem. Dessa forma, se faz necessário considerar aquilo que a criança tem a dizer sobre sua vida e sobre o mundo que a cerca.

A pesquisa tem enfoque etnográfico dentro do contexto escolar. Desse modo, é necessário participar do ambiente que as crianças frequentam para ouvir o que elas têm a nos dizer. É ir ao encontro das crianças sem nenhum pressuposto pré-estabelecido que possa coagi-las. Tal como coloca Corsaro (2005), a etnografia é um método utilizado por pesquisadores que tornam-se nativos, fazem parte do processo, de modo que, neste momento, a melhor maneira para nos tornarmos parte dos universos das crianças foi não agir como adultos típicos. Essa visão de Corsaro foge da visão adultocêntrica e coloca a necessidade de ouvir as crianças, considerá-las quanto as suas opiniões e pôr-nos como sujeitos abertos e livres no entendimento de seus dizeres.

Como procedimento para coleta de dados, utilizamos observação e entrevistas, entendendo entrevistas, segundo Oliveira-Formozinho e Araujo (2008), enquanto formato de escuta das crianças, levando em consideração a voz da criança no intuito de conhecer o processo de enfrentamento vivenciado por elas no contexto de transição da pré-escola para o 1º ano do ensino fundamental no ambiente escolar. Para entender as vozes das crianças sobre o mundo que a cerca

foi necessário adotar um processo reflexivo, que requer, segundo Oliveira-formozinho e Araújo (2008), que os investigadores estejam atentos e explorem as suas percepções relativamente às culturas das crianças.

O lócus da pesquisa foi um dos anexos de uma escola municipal de Brejo da Madre de Deus, localizado no agreste pernambucano, especificamente em uma sala de 1º ano do Ensino Fundamental com 16 (dezesesseis) crianças, com idades entre 5 (cinco) e 6 (seis) anos, sendo que dessas, apenas 11(onze) crianças foram autorizadas pelos pais ou responsáveis a participarem da entrevista, sendo 4 (quatro) meninas e 7 (sete) meninos. Essa escola é a única no município que atende crianças da creche até o 1º ano dos anos iniciais.

As entrevistas com as crianças foram realizadas com o auxílio de um gravador de voz, pois a intenção desde o início foi ouvi-las sem a intenção de anotar nada, uma conversa. Para a realização da entrevista utilizamos o recurso da história. Para tanto, elaboramos um pequeno livro com uma história de uma menina chamada Maria que tinha uma escola repleta de coisas interessantes que toda criança iria se sentir bem. A história da Escola de Maria buscou retratar o dia a dia de Maria e de seus colegas na Escola, onde brincavam, tinham brinquedos, parque ao ar livre e de repente no curso da história, todas as coisas e cores haviam desaparecido e o assunto era o mesmo, deste então, entre as crianças: o que aconteceu? Ao longo da história, a professora percebeu o alvoroço das crianças e explicou que a escola recolheu os brinquedos para fazer manutenção e uma reforma, a partir daí, o alívio prevaleceu entre as crianças. O nome escolhido para a história foi “A escola de Maria”. A cada realização da entrevista contamos a história e, na sequência, realizávamos uma conversação com um grupo de três crianças. Foram constituídos três grupos com três crianças e um grupo com duas crianças, contabilizando um total de 11 (onze) crianças que participaram da entrevista.

4. Discussão e Análise dos Dados

4.1 O processo de transição: Entre as Memórias da Educação Infantil e as vivências do 1º ano do Ensino Fundamental

Estar no ensino fundamental logo após a saída da educação infantil é a mudança que inesperadamente renova a ideia de escola tida pela criança que se reinventa totalmente. Essa mudança é perfeita quando abrange nos discursos e ações, dos que fazem parte da instituição escolar, os sentidos advindos da etapa anterior, a educação infantil, onde os sonhos e as brincadeiras

eram soltos e leves, caso contrário, é uma mudança inesperada que acomete as crianças sem dar a elas chances de adaptação sobre as novas demandas.

Diante da escuta dos dizeres das crianças sobre sua experiência escolar anterior, no caso, a pré-escola, sobretudo a partir das memórias apresentadas por elas é notório observar a percepção das mesmas quanto à aspectos especiais na educação infantil e que são evocados por elas com muito prazer e satisfação. O brincar se caracteriza como um dos elementos mais importantes trazidos nas falas das crianças ao serem perguntadas sobre “O que tinha na outra escola (pré-escola) que nessa (1ºano do E.F.) não tem?” Lucas fala “*na outra escola é um pouquinho melhor, por que tinha uma sala de jogos e a gente brincava com o joguinho da dengue*” (Lucas em 02/05/2016). Ananda, sobre a pergunta teve como resposta “*Na minha escola tinha parque, tinha balanço, tinha pula corda e essa não tem!*” (Ananda em 02/05/2016). Atentando para a fala de Ananda, é possível observar qual é a sua escola de fato. Nas suas palavras ela não se refere a outra escola, ela considera a antiga escola como a dela, a que ela brincava, a que tinha parque, balanço, pula corda, em que o brincar mesmo com hora marcada ainda acontecia e fazia parte das atividades com maior frequência.

A presença da brincadeira a partir das suas falas e da percepção das crianças sobre suas experiências com a pré-escola denota o quanto o elemento lúdico é aceito e importante para elas na experiência escolar da educação infantil e que é citado com muita presença em suas falas. É perceptível que o brincar emerge em suas falas como um elemento estruturante nas suas experiências anteriores. A esse respeito Kramer (2006) diz que “[...] o planejamento e o acompanhamento dos adultos que atuam na educação infantil e no ensino fundamental devem levar em conta a singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural, [...]” (KRAMER, 2006, p. 810). O direito a brincadeira perpassa todo e qualquer ambiente onde existam crianças e onde pulsam as infâncias.

É notório observar o sentido das vivências de leitura e escrita para a criança e a sua opinião diante delas a partir dos seus discursos. Ao serem perguntadas sobre “O que elas menos gostavam de fazer na escola?” As respostas eram unânimes em não gostar de estudar. Rosemar, “*Eu não gosto de estudar, por que é muita coisa e as vezes da problema na criança*” (Rosemar em 02/05/2016). Cauã diz: “*Não gosto de estudar, por que é chato e a pessoa passa três anos escrevendo, de manhã até meio dia*” (Cauã em 02/05/2016). Wanderson diz que: “*Eu não gosto de fazer tarefa por que a pessoa tem que fazer tudo difícil e eu não sei*” (Wanderson em 02/05/2016). Ananda de 6 anos diz que: “*Eu não gosto de fazer muita tarefa por que é muito cansativo*” (Ananda



em 02/05/2016). É importante atentar para o discurso dos alunos e para sua resistência apresentadas por eles, que surge como forma de resignificação das práticas da escola.

O sentido exposto sobre as atividades ou tarefas, a partir das falas das crianças, aludem a um possível descontentamento em fazê-las. Para as mesmas as atividades são cansativas e difíceis. Nesse contexto não é de grande estranhamento que nas observações em sala de aula tenhamos percebido a inquietude das mesmas perante as atividades de escrita principalmente. Os momentos das atividades feitas pelas crianças são desconcertantes para elas, pois talvez somam-se a isso suas experiências anteriores com a educação infantil. Kramer, Nunes e Corsino (2011) dialogam sobre a escolarização de crianças, sobre as práticas voltadas para o controle do conhecimento e sobre a necessidade de novas condições para que exista a mudança como forma de resignificação desse trabalho. Segundo elas:

A escolarização está pautada em um modelo de conhecimento que cinde ciência, arte e vida e no controle do conhecimento, com propostas de soluções prefixadas e previsíveis. É urgente que as práticas pedagógicas na educação infantil e no ensino fundamental se desloquem desse modelo e favoreçam a construção de significados singulares não só previamente determinados, mas constituídos nos acontecimentos da história (KRAMER, NUNES e CORSINO, 2011, p.82).

Os dizeres das crianças que vivenciam experiências diárias voltadas exclusivamente para práticas pautadas na repetição de códigos e na sua memorização, dissociadas de experiências que as vincule com uma aprendizagem mais contextualizada, dinâmica e criativa no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental significam a sua insatisfação ao falarem que não gostam de estudar. Ao expressarem seu olhar sobre a perspectiva do contexto em que estavam inseridas, no caso, na educação infantil, nos dão indicações nas suas vozes do que desejam e das suas expectativas em torno da escola que podem estar contribuindo numa leitura mais atenta do que pode e deve ser a escola na perspectiva das crianças.

A memória trazida nas falas das crianças sobre a pré-escola e os sentidos que a mesma significou e significa na história e vida delas é um aspecto que denota o quão é importante que esta seja levada em consideração e que permaneça dentro do contexto escolar onde se é aluno, mas que é também criança e como tal precisa sê-la nos mais diversos espaços, sobretudo nas instituições que se propõem atendê-las.

5. Algumas Considerações

A pesquisa realizada com as crianças, no contexto de uma sala de aula pertencente a um anexo de uma escola municipal, sobre o processo de transição vivenciado por elas, indicou a partir

de suas vozes alguns possíveis entendimentos do contexto escolar por elas experienciado, bem como seus dizeres como percepção de mundo e da realidade, revelando também o quanto o seu pensar sobre a escola está permeado pelas memórias e experiências com a educação infantil, bem como a tensa relação entre ser aluno e ser criança polarizada pelas mudanças impressas as crianças nessa transição.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para atender os objetivos propostos foram de grande importância e suficientes para conhecer os tempos e os espaços voltados para as crianças na escola, como sendo propriamente voltados para a escolarização, com atividades demasiadamente voltadas para a alfabetização. As memórias da educação infantil, nas falas das crianças, foram um dos aspectos fortes e marcantes para o entendimento da dimensão significativa dessa etapa para as crianças e da importância que a mesma exerce sobre suas experiências.

Sendo assim, a partir do engessamento de atividades e ações realizadas pelas crianças na escola, é interessante pensar na necessidade de criação de novas possibilidades na relação entre escola e criança, sobretudo, na promoção de um novo olhar sobre as crianças, sobre suas perspectivas e anseios, tornando a partir disso o trabalho com as crianças uma relação mútua, onde exista a presença dos conteúdos e desenvolvimento de habilidades, mas também, a presença das singularidades das crianças, incluindo o brincar e a ludicidade como elos na formação de novas experiências. Sendo importante, nessa perspectiva, não pararmos de querer entender esses atores sociais que nos surpreendem com suas formas de agir e de conceber o mundo, sobretudo no exercício de captar os seus dizeres, por nós, muitas vezes silenciados.

6. Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise. ; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro. (orgs) **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 33-46.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs). **Educação infantil: pra que te quero?** 01, Porto Alegre: Artmed, 2001, 13-22.

GANDINI, Leila. Espaços Educacionais e de Envolvimento pessoal. In. EDWARDS, Carolyn (ET al). **As Cem linguagens da Criança** - A Abordagem do Reggio Emília na Educação da primeira infância. São Paulo: ARTMED, 1999, p. 145-158.

CARDONA, Maria João. Falando de transições: entre a educação de infância e a escola. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 2, p. 311-322, maio/ago.2014. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/2772/2700>. Acesso em outubro de 2015.

CORSARO, William. A Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.** [online]. 2005, vol.26, n.91, pp.443-464.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em outubro de 2015.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise. ; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro (orgs). **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 13-23.

KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educ. Pesqui.** [online]. 2011, vol.37, n.1, pp. 69-85. ISSN 1517-9702. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05.pdf>. Acesso em outubro de 2015.

MORENO, Gilmara Lupion; PASCHOAL, Jaqueline Delgado. A Criança de Seis Anos no Ensino Fundamental: Considerações Iniciais. In: BRANDÃO, C. da F.; PASCHOAL, J. D. (orgs.). **Ensino Fundamental de Nove Anos: teoria e prática na sala de aula**. São Paulo: Avercamp, 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortes, 2002.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. ARAÚJO, Sara Barros. Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: Oliveira-Formosinho, Júlia. (org.). **A Escola vista pelas crianças**. Porto: Porto Editora, 2008.

PEREIRA, Reginaldo Santos; CUNHA, Myrtis Dias. A pesquisa na escola com crianças pequenas: desafios e possibilidades. **APRENDER** – Cad. De Filosofia e Psic. Da Educação Vitória da Conquista Ano V n. 8 p. 113-130, 2007.

SILVA, Adriana. ; BUFALO, Joseane. O espaço na pedagogia da educação infantil: fábula, perversidade e possibilidade. In **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.